

A PARTICIPAÇÃO DE EX-ESCRAVOS NA GUERRA DE CANUDOS: UMA BREVE (RE)ANÁLISE DA HISTÓRIA

Alíson Oliveira da Silva¹

Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise histórico-sociológica da participação dos ex-escravos na guerra de Canudos utilizando-se das fontes historiográficas a partir das narrativas de Manuel Pedro das Dores Bombinho, no seu livro “Canudos, História em Versos”. A metodologia está pautada no método de Chartier (2002), assim como de Benjamin (1987) na tratativa sobre o significado e representação do narrador. Entre os documentos históricos utilizados, estão artigos de jornais produzidos entre os anos de 1894 a 1897, “O Rabudo. Estância” (1894) e “A Notícia. Diário da Tarde” (1896/1897), coletados da Hemeroteca Digital Brasileira, que trazem os relatos da Guerra e os conflitos inerentes a população local. O estudo permitiu refletir os resultados dos confrontos e o destino que levou os sobreviventes dessa batalha, como também, compreendeu que a narrativa sobre a participação dos escravos está alinhada a perspectiva da sociedade e não aos ocorridos.

Palavras-chave: História. História Cultural. Literatura. Ex-escravos.

INTRODUÇÃO

Com o surgimento da Escola dos Annales na França, criada por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), abriu-se um leque de possibilidades para se estudar História, com o auxílio de outras ciências humanas, proporcionando ao pesquisador um campo de visão mais abrangente sobre o fato histórico, não a limitando há uma só perspectiva. Também possibilitou outras ciências, como a Sociologia, Antropologia, Política e Economia. Um exemplo deste método é usado por Karl Marx

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação Especialização em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças no Contexto do Ensino de História e Cultura Brasileiras (ERERGDEH).

² Orientadora, mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

(1818-1883), que foi pioneiro ao fazer a correlação entre História e Economia, no intuito de comprovar sua teoria sobre a perspicácia do capitalismo na manutenção do poder.

A História Cultural, portanto, surge da necessidade que os historiadores haviam de contar uma nova história, a história vivida por quem foi esquecido pelas diversas narrativas, produzidas pelas classes dominantes. (CHARTIER, 2002, p. 13)

Podemos perceber através das táticas usadas pelos Nazistas, na intenção de acobertar os crimes cometidos pelos mesmos, durante a Segunda Guerra Mundial (1935-1945), que os soldados do Serviço Secreto Alemão (SSA) queimaram toda a documentação que comprovaria os crimes de guerra ordenados por Adolf Hitler (1889-1945), em campos de concentração Nazistas. Para obter informações e detalhes desse acontecimento, fez-se necessário abrir as portas para uma nova visão dos fatos, uma visão contada a partir dos narradores anônimos, sobreviventes com lembranças fortes em suas mentes dos horrores presenciados na Guerra.

Nesse sentido podemos ver que a Cultura nos direciona a mais diversas expressões, uma delas a Literatura, que além, do seu objetivo de entreter, nesse momento, é elevada a uma função de transmitir conhecimentos sobre os fatos históricos, como é feito nos livros: *Casa Grande Senzala, de Gilberto Freyre*³, e *Vidas Secas de Graciliano Ramos*⁴.

Walter Benjamin dedica um capítulo de sua obra “*Magia e Técnica, Arte e Política*” (1987), para descrever como o narrador deve se comportar, diante das versões da narrativa, quando está participando do acontecimento e quando está de fora. Ambos terão narrativa divergente. Dessa forma historiador deve ser um juiz imparcial.

Benjamin (1987) usa a obra de Nikolai Leskov para discorrer, que ao ouvir os relatos expostos pelos participantes do evento, o historiador usa um filtro e se distancia, para que ao recontar esse episódio, tenha parcialidade, observando tudo a sua volta, sem

³ Gilberto Freyre, descreve de forma clara a importância da casa grande para a formação da cultura brasileira, ao descrever como era a vida dos escravos e seus afazeres.

⁴ Graciliano Ramos, descreve a realidade do povo nordestino que fugindo do sertão, encontra adversidades como a sede e a fome que assola todo o Nordeste.

envolvimento, tornando a narração coesa, sem interferir nos acontecimentos, mostrando ao leitor, a diferença entre narrar com o olhar de quem está fora e com o olhar de quem está dentro. Ele traça um histórico que conta como as narrativas tiveram sua importância para fixar os eventos, usando personagens como os marinheiros e os camponeses, que relatavam os acontecimentos para os ouvintes, que os recebiam com grande fervor. Acrescenta ainda que o “[...] narrador sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p. 221), ou seja, o narrador na figura do historiador que se dedica a escutar as histórias anônimas, e a reconta-las, tem como função interpretar os fatos, sem julgá-los, e ao mesmo tempo adaptar as narrativas para os diversos tipos de ouvintes.

A invenção da imprensa popularizou os romances e isso pode ser observado na análise que Benjamin (1987, p. 201) faz em seu livro sobre Leskov, romancista Russo, que escrevia seus textos usando métodos etnográficos. Nesse aspecto que o olhar sobre as narrativas muda, pois a intenção do romance nesse momento não é se ater aos fatos, mas sim em fantasiar em cima das histórias escutadas. Logo, o narrador tem sua base na história oral, na história coletiva, utilizando-se de mito e contos, que segundo Chartier (2002, p. 13), essas narrativas tem o objetivo de libertar o homem da ignorância ou deixa o homem atento às perguntas sobre o mundo e a realidade em que vive.

A macro história tem o objetivo de contar a história de grandes acontecimentos, grandes feitos, como as conquistas de Alexandre “O Grande”, ou as guerras Napoleônicas, que tem seu enfoque, um grupo específico, os vencedores. Por sua vez a micro história se preocupa com os acontecimentos menores, regionais, locais, as histórias daqueles que muitas vezes foram esquecidos. (BOURDIEU, 2007, p. 112).

A partir desta perspectiva, o presente trabalho analisa os principais documentos e bibliografias produzidas acerca da Guerra de Canudos para contar a história dos derrotados, do povo que foi excluído da grande história e esquecido pelos historiadores, provavelmente deixado de fora por não fazer parte dos acontecimentos de grandes proporções ou simplesmente por não quererem que apareçam nas páginas da história.

Por isso é importante ficarmos atentos ao que foi escrito ou o que está sendo escrito, alinhar os fatos e conhecer os grupos periféricos da história sem perder as nuances do fato principal. Além de outros tipos de fontes, fazer a análise de fatos históricos exige um exercício determinado e paciente sobre os documentos. Le Goff

(1990) atenta para esta questão e aponta a análise documental como uma certificação do presente:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro-voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprio. (LE GOFF, 1990, p. 538).

Devemos utilizar outros documentos como demonstra a História Cultural, que surge por meio de vários caminhos e possibilidades de se estudar a história, e que vislumbra novos olhares. Esta busca pelo novo olhar poderá ajudar na interdisciplinaridade, amplia o campo de estudos instigando o historiador a articular os fatos históricos nas diversas interdisciplinaridades, proporcionando a diversidade da visão do mesmo acontecimento sob a ótica da ciência.

A proposta é historicizar a obra literária – seja conto, crônica, poesia ou romance, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. (CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p.7).

Ao utilizar da literatura como um documento histórico, os historiadores começaram a perceber que a literatura conta mais do que se imaginava. Ela é uma fonte cheia de memórias de um povo e suas tradições, que mostra as características regionais, vestimentas e ideias de uma época e podendo situá-la nos diversos cenários da pesquisa acadêmica.

O historiador deve estar atento às evidências dos fatos e fazer sempre a interlocução dos fatos por meio dos textos e demais fontes históricas como fotos, imagens, sons e etc. Por sua vez, o trabalho com uma produção literária exige que o pesquisador esteja sempre atento ao fato concreto, buscando fazer o alinhamento histórico e a contextualização. Mas é importante estar atentos a novas possibilidades de trabalhar a história, não no sentido de reinventar o método, mas considerar os intervenientes históricos como fatores naturais de uma pesquisa acadêmica.

Percebe-se que na teoria de Roger Chartier pode-se utilizar a literatura, como forma para estudar acontecimentos históricos, tornando-se possível a partir da memória das pessoas, contadas nos livros que participaram dos episódios ocorridos, e que torna possível a compreensão e o estudo desta nova área do conhecimento histórico “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 2002, p. 16).

Observa-se que Chartier faz parte da 3ª geração (1968-1989) da Escola dos Annales. Preocupado com as representações, que as sociedades fazem ao longo do tempo, trazendo uma nova forma de pensar a história. As pessoas que se comunicam entre elas, transmitem e recebem informações, que circulam entre estes dois polos e com apropriações coletivas de diálogos, a criação da Cultura. Chartier (2002) dá uma grande contribuição para a História Cultural, à possibilidade compreender acontecimentos e pensamentos de uma época, a partir da literatura.

Quanto às fontes primárias destaca-se os jornais do final do século XIX, como o “*O Rabudo. Estância*” (1894) e “*A Notícia. Diário da Tarde*” (1896/1897), disponíveis em formato digital no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e fontes secundárias, como o livro de Manuel Pedro das Dores Bombinho *Canudos, História em Versos* (2002)

Este estudo está dividido em 2 capítulos, que pretendem tratar sobre a participação dos ex-escravos na Guerra de Canudos, expondo aquilo que foi publicado por Bombinho (2002) e relatos nos jornais e a guerra em si, pelos olhos de quem a presenciou. No segundo capítulo, constará uma análise dos relatos históricos buscando fazer uma breve análise histórico-sociológica da história da referida guerra. Por fim concluo o estudo, trazendo uma reflexão sobre os resultados dos confrontos, e o destino que levou os sobreviventes dessa batalha.

1 A Participação no Movimento Messiânico: da Abolição à Guerra

O Brasil foi o último país a libertar os escravos na América Latina, e passou um longo processo político e social, até chegar em 1888, onde deu um “fim” para o trabalho escravo por pressões internacionais, principalmente da Inglaterra que queria implantar o sistema capitalista, que já havia se iniciado naquele país e em suas colônias. Precisava de mão de obra livre para implantar aquele modelo de produção. Proibir o tráfico de escravos

foi o primeiro passo para pressionar os países aliados a abolir a escravidão. (MENEZES, 2009, p. 86).

Eram muitos os abolicionistas e várias as motivações, desde humanísticas, por defender que os homens escravizados viviam em regime de maus-tratos, até liberais, que acreditavam que a escravidão não era mais um modelo lucrativo. Entre eles estavam homens brancos e negros, monarquistas e republicanos, conservadores e liberais, assim como também houve muita pressão negativa, pois os latifundiários não queriam perder a sua mão de obra barata.

A discussão foi intensa, pois não era só abolir. Muitos dos defensores da abolição questionavam sobre o processo. Segundo Lopes Filho (2014) a abolição foi aprovada e sancionada, mas sem dar nenhuma indenização, ou qualquer ajuda seja ela da igreja ou do estado, para que os homens agora livres, pudessem começar uma vida digna.

Depois da abolição, ainda houve muita resistência dos fazendeiros em deixar que os agora homens livres, abandonassem as suas fazendas, e usaram de muitas estratégias, para mantê-los ainda cativos. Alguns permaneciam em seus postos, em troca de um prato de comida. Outros em ambientes urbanos, buscavam trabalhos manuais, como costura, carpintaria. Houve muita relutância da sociedade, em integrar os negros deixando-os agora livres, porém sem condições de subsistência. (LOPES FILHO, 2014, p. 17).

No final do Século XIX, o Brasil passava por um período de modificações no cenário político, com a queda da monarquia e o início do período republicano. Com isso houve objeção sobre os pensamentos republicanos que levaram os clérigos a não apoiar tal modelo.

Antônio Conselheiro, um líder religioso que recebeu uma “missão divina”, ergue no sertão da Bahia uma nova sociedade. Buscou um lugar onde pudesse exercer sua função messiânica, assim como a manutenção de pensamentos monárquicos e religiosos. Nesse lugar ele recebia de bom grado todos que quisessem erguer sua moradia naquele lugar (região de Canudos), e seguir seus mandamentos. (CALAZANS, 1997, p. 5).

Segundo Calazans (1997) esperava-se que junto com a abolição dos homens, fosse ter a abolição da terra, ou a reforma agrária em 1888. Como isso não aconteceu, muito alforriados na esperança de obter um pedaço de terra, partiu para se juntar a

Antônio Conselheiro. Acredita-se que eles se acomodaram as margens do rio Vaza Barris, mas não há registros que comprove tal afirmação, a crença vem dos muitos relatos orais.

1.1 A Guerra de Canudos

Manuel Pedro das Dores Bombinho, natural da cidade de Própria no Estado de Sergipe, participou como fornecedor de comida para os soldados da segunda Coluna³ da 4ª Expedição para a Guerra de Canudos, que sai do 28º BC (Batalhão de Caçadores) localizado na Cidade de Aracaju, sobre o comando do General Claudio do Amaral Savaget, ao passar pela Cidade de Simão Dias, que fica na divisa entre Sergipe e Bahia, o exército monta ali uma base. Bombinho participava como fornecedor de comida no Campo de Batalha e se tornou testemunha ocular dos acontecimentos de Simão Dias até Canudos.

Marcos Antônio Villa, organizador da obra *Canudos, História em Versos* (2002), tomou conhecimento dos relatos de Bombinho, quando estava lendo a obra de Nertan Macedo, *Antônio Conselheiro: A Morte em vida do beato de Canudos* (1969), onde leu alguns poemas do Manuel Pedro das Dores Bombinho, então em 2002 publica o livro, que narra os fatos. *Canudos, História em Versos* é um livro escrito em poemas, de 5.984 versos sobre o mesmo tema, está dividido em quatro partes, com uma introdução de 136 versos, escrito em pleno calor dos combates.

Esta revolta se diferencia das demais pelas consequências que trouxe para o exército brasileiro e também pela aceitação da república, por conta da vitória do exército. Antonio Vicente Mendes Maciel, conhecido popularmente por Antonio Conselheiro, ficou conhecido pela sua peregrinação pelo Nordeste no ano de 1874 até 1897, cativando e levando com ele, negros, índios, pobres, pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade, em busca de liberdade e meios de sobrevivência. Chegado ao sertão da Bahia onde construíram o Arraial do Belo Monte, uma comunidade onde os governantes não mandavam e todos viviam em harmonia sobre as orações do Conselheiro.

Antonio nome de santo
Que o povo todo iludia
Com prédicas falando em Deus
O povo crente afluía.

³ A quarta expedição do exército brasileiro, foi dividida em duas colunas. Uma saio de Salvador e a outra de Sergipe, as duas com destino a Canudos.

Tido como homem divino
Do céu para terra escolhido
Aquele que o via falando
Ficava por ele perdido.

De crente as provas deu ele
As obras que faz que o diga
Não se pode isto ocultar
No trabalho não tinha fadiga.

Diziam: é o verbo divino,
Outros: é santo vem do Senhor,
Afirmavam: conversa com Deus
Devemos lhe ter grande amor.

Faz milagre não vê? É Jesus,
Sumo o bem de Deus enviado
Vem trazer-nos bonança perdão
É um santo, não tem pecado. (BOMBINHO, 2002, p. 22-23.)

O beato tinha seus homens de confiança, eram responsáveis pela organização de Canudos: João Abade, Pedro de Várzea da Ema, Norberto das baixas (fazendeiro), Leão de Natuba (secretário), Antônio Vilanova (comerciante), Manuel Ciríaco (sertanejo), Antônio Pajeú (ex-escravo).

O bandido era Rei em Canudos
Tinha amigos fiéis que o servia
Os quais de joelho no chão
Só faziam o que ele entendia. (BOMBINHO, 2002, p. 23.)

Pajeú, escravo liberto que saio de Pernambuco, com destino ao Belo Monte, seguindo as promessas do beato, se tornou um dos melhores conselheiristas temido por todos.

Ó Cesar, João Cordeiro e o (ilegível)
Membros da família do Acarú
Saíram de suas casas às carreiras
Com receio do terrível Pajeú. (BOMBINHO, 2002, p. 134)

A segunda expedição, teve a frente o Major Febrônio de Brito, como um número maior de homens armados, mais a luta não demorou muito, como os soldados não estavam acostumados com o tipo de solo e de clima, acabaram sendo pegos de surpresa.

Os fanáticos de Antônio Conselheiro...tendo em caminho destruído e arrasado completamente seis fazendas, lançando fogo em algumas...

impossível o trânsito em algumas estradas, principalmente no que parte de Monte Santo para Canudos. (A NOTÍCIA, p. 1. 07 de abril de 1897)

Os seguidores do bento, acreditando nas promessas de vida após a morte, realizam uma campanha de terra arrasada, queimando as fazendas próximas e retirando a comida para quando os soldados chegarem não encontrarem nada e ficaram com fome.

Na Bahia a notícia chegou
O Febrônio de Canudos voltou
Brigou com valor e coragem
Mais munição á forca faltou. (BOMBINHO, 2002, p. 60)

O Major Febrônio de Brito havia perdido a batalha, os jagunços de Antônio Conselheiro eram muitos e tinham conhecimento do local, o major não esperado, foi enganado pelo governo, que falava que só tinha mulheres e crianças e os homens com facões e foices. O exército já tinha perdido duas expedições para prender Antônio Conselheiro, não querendo ter mais problemas com estes subversivos, manda o Coronel Moreira César, o mais temido do exército, conhecido pelos seus atos de horror, ao degolar a cabeças dos seus inimigos e usar como troféus. O jornal “A Notícia” do dia 01 de fevereiro de 1897:

Deverá embarcar no dia 2 do mês vindouro 7º e 16 batalhão de infantaria, conduzindo uma bateria do 2º regimento de artilharia, sob o comando do coronel Moreira Cesar, afim de bater os fanáticos de Antônio Conselheiro, cujo número ultimamente tem crescido. (A NOTÍCIA, 01 de fev. de 1897. p. 2)

Depois de ouvir sobre o Coronel Moreira César, o Antônio Conselheiro aguarda a expedição do Coronel. O jornal “A Notícia” do dia 01 fevereiro de 1897 fala sobre o ataque do Coronel Moreira César “Segundo telegramas da Capital Federal, amanhã, que é talvez a mais bela data da história da Republica, o coronel Moreira Cesar espera dar combate” (A NOTÍCIA, 01 de fev. de 1897, p.1).

O coronel Moreira Cesar aguarda ansioso para acabar de vez com os revoltosos, mas Antônio Conselheiro falava que deus enviara anjos para conseguir deter os impulsos da república.

Estive ontem com Deus
Ele prometeu mandar
Anjos de espada em punho

Que nos ajudam a pelejar. (BOMBINHO, 2002, p.72)

Terceira expedição, comandada pelo General Moreira César, partiu para Canudos para enfrentar os conselheiristas e destruir as ilusões do Bom Jesus de construir o céu na terra. O beato reuniu seus conselheiristas sabendo que viriam mais soldados e conversa com eles:

João Abade meu bom general
Eu confio de você a questão
Não tema morrer na batalha
Terá de Deus por cento a mansão. (BOMBINHO, 2002, p.57)

Antônio Conselheiro deu a João Abade a missão de matar, falou que o reino dos céus já lhe estava prometido, assim dando confiança a João Abade para lutar, sem medo da morte, pelos ideais do Beato.

Estive hoje mesmo com Deus
Ele me prometeu enviar
Um anjo com espada de fogo
Para nos ajudar a ganhar. (BOMBINHO, 2002, p.58)

O general Moreira César que ficou conhecido por andar sempre na frente da tropa, é recebido por um tiro dos conselheiristas, após alguns dias o general Moreira César que era conhecido pelo apelido de degola cabeças é morto na batalha em Canudos.

Em festa Canudos se tornou
O povo satisfeito contemplava
O poderio do Santo Conselheiro
Que com doçura sermões ele pregava. (BOMBINHO, 2002, p.125)

Palavras de simplicidade de Antônio Conselheiro ao seu povo, que os fazia, admirar cada vez, e assim Canudos crescia e se fortalecia.

Você João Abade se encarregue
De mandar sepultar a nossa gente
Que morreram na batalha com braveza
Para isso forme já um contingente. (BOMBINHO, 2002, p.126)

João Abade homem de confiança do Beato, vai com alguns jagunços enterrar os corpos dos conselheiristas que foram mortos em combate contra os soldados do Coronel Moreira César.

Muito bem responde o conselheiro
Se guarde tudo isso com cuidado
Quero reunir uns seis mil homens
Que guardem Canudos bem guardado. (BOMBINHO, 2002, p.128)

Antônio Conselheiro comandava muito bem Canudos, sempre ordenando aos conselheiristas.

Trazem ordem de com tudo acabarem
Assim recomenda o vilão
Fuja logo amigo sem demora
Só assim terá você a salvação. (BOMBINHO, 2002, p.131)

Os conselheiristas vão derrubar as casas das fazendas que fica ao redor de Canudos, se utilizando da estratégia “Terra Arrasada” derrubam todas as casas e retiram todos os alimentos que ficavam próximo a Canudos e as pessoas que moravam próximo, os jagunços mandavam ir embora.

De posse o Conselheiro em Canudos
De elementos pra brigar contra a Nação
Tratou sem demora e com presteza
De formar uma grande expedição. (BOMBINHO, 2002, p.139)

A 4ª Expedição comandada pelo General Artur Oscar, que teve a participação do ministro da guerra, o Marechal Bittencout, que permaneceu em Monte Santo, entre setembro e outubro de 1897, foi dividido em duas Colunas, uma saio de Salvador com destino a Canudos no comando estava o General Artur Oscar e a outra saio de Aracaju no Estado de Sergipe, sobre o comando do General Cláudio Savaget, que ficou responsável por leva uma moderna arma de guerra, que seria usada pela primeira vez no Brasil.

Escolheu no quadro de exército
General de valor e bizarria
Que seguiram sem a mínima demora
Pra o sertão do Estado da Bahia. (BOMBINHO, 2002, p.143)

O exército brasileiro organizou a expedição para Canudos com os maiores Generais. Nomeou Artur Oscar chefe supremo da expedição. Barbosa foi nomeado comandante da Coluna que deveria atuar em Monte Santo e o General Savaget protegeria a retaguarda.

O Savaget seguiu logo para o Norte
Com ordem de passar no Aracaju
E seguir pelo centro de Sergipe
Pra guardar o formoso trabubu. (BOMBINHO, 2002, p.144)

O General Savaget mandou para Simão Dias o Coronel Teles comandando o 12º e 31º tropa e lá ficariam esperando na base do exército brasileiro que fica na cidade de Simão Dias que fazia a divisa com a Bahia.

As balas zuniam de todos os lados
A coluna foi cercada com mui tino
Os jagunços feitos feras esperavam
Desfazer da coluna seu destino. (BOMBINHO, 2002, p.152)

Os soldados são cercados pelos jagunços, atiravam de todos os lados, os soldados todos ficavam sem saber de onde os tiros estavam vindo.

A quarta brigada perto de Canudos
Brigava com heroísmo e mui valor
Debaixo de um jogo diabólico
Os soldados lutavam com amor. (BOMBINHO, 2002, p.153)

A Coluna do General Artur Oscar que já estava próximo de Canudos, os jagunços atiravam sem para, estava fazendo os soldados desistirem do confronto, quando aparece a Segunda Coluna comandada pelo General Savaget.

O general Artur Oscar mui satisfeito
Abraçou seu amigo e camarada
E diz-lhe comovido e com doçura
Salvaste-me da terrível debandada. (BOMBINHO, 2002, p.155)

O General Savaget chegar salvado o General Artur Oscar de uma derrota certa.

Depois de meia hora de batalha
A Coluna segue logo para frente
Pajeú general do Conselheiro
Animava a toda sua gente. (BOMBINHO, 2002, p.168)

Pajeú homem de confiança de Antônio Conselheiro, era um ótimo estrategista, colocava os “conselheiristas” em pontos estratégicos para derrubar a República.

O conselheiro modesto e bem contrito
Assim parecia à multidão
Depois do silêncio dos ouvintes

Começa falado no Deus de Abrão. (BOMBINHO, 2002, p.175)

Antônio Conselheiro, não intimidado com a força do exército, reuniu o seu povo nas ruas de Canudos e começa a fala.

A Nação não é republicana
Isso eu juro de todo coração
Foi em golpe preparado eu confesso
Resultado contra todos a traição. (BOMBINHO, 2002, p.178)

Antônio Conselheiro fala que a população brasileira era monarquista, mas por conta da revolta dos Marinheiros no Rio de Janeiro, os republicanos deram um golpe e assumiram o poder.

E agora direi porque
O governo da Nação
Sem ter a mínima razão
Trata do povo avexar
Manda imposto cobrar
Só para ter dinheiro
E já o povo estrangeiro
Não quer ele confiar. (BOMBINHO, 2002, p.180)

De todo modo, demonstrava ter conhecimento sobre o que estava acontecendo em outras partes do país, politizado e tinha conhecimento sobre a dívida externa do país.

Uns jagunços eram tiranos na verdade
Brigavam com audácia e bizzarria
Inventavam ciladas engraçadas
Que as vezes causavam alegria. (BOMBINHO, 2002, p.231)

Os jagunços inventavam de tudo para conseguir matar os soldados. Como tinha conhecimento sobre o lugar, armava armadilhas para matar os soldados.

Dali seguimos sem demora
Tristonho e com dor no coração
Sem auxilio da intrépida brigada
No meio dos jagunços do Vilão. (BOMBINHO, 2002, p.135)

Manuel Pedro das Dores Bombinha fala do momento que estava dentro do Arraial e é recebido com tiro de chumbo no peito pelos jagunços do Conselheiro.

Na favela continua as mesmas cenas
Tiroteio contra toda expedição

Os jagunços audazes destemidos
Tinham fé de vencerem tal questão. (BOMBINHO, 2002, p.242)

Por conta das profecias do Conselheiro os jagunços acreditavam na vitória e sem medo da morte, iam para cima dos soldados, pois já tinham a salvação.

A fome tornou-se insuportável
Entre as forças da quarta expedição
O Medeiros não chegava, que demora
Tal demora já fazia confusão. (BOMBINHO, 2002, p.242)

Os soldados já estavam sem munição e agora sem comida, o medo de Medeiro não volta, era grande.

Pois que com tino bem seguro
Sabia o conselheiro manobrar
O povo que dispunha em Canudos
Era valente e não sabia recuar. (BOMBINHO, 2002, p.253)

Pajeú era um ótimo em armas, demonstra saber atirava e andava com um formidável grupo, “O que restou da tropa de Moreira César foi fustigada pelos guerrilheiros comandados por Pajeú”. (CARDOSO, 2010).

Que viagem meu Deus atormentada
Por ali o Pajeú e sua gente
Andavam em comissão do Conselheiro
Com um formidável contingente. (BOMBINHO, 2002, p. 235)

Destacou por saber como conduzir os “conselheiristas” e sua habilidade com armas. Para tentar coibir e amedrontar outras expedições que vieram em direção a Canudos, Pajeú ordenou que os cadáveres dos soldados e oficiais ficassem insepultos, pendurados em árvores como exposição macabra do ódio devotado pelos conselheiristas às tropas do governo federal. (CARDOSO, 2010)

Nesse dia como disse jubiloso
Felix Menezes com pontaria bem segura
Acerta um canhão pra igreja nova
Que ali fazia ele diabrura. (BOMBINHO, 2002, p. 311)

Lá se encontrava o Santo Antônio Conselheiro, chegaram lá ele já estava morto.

O nosso Conselheiro Bom Jesus
Está morto venham ver é uma verdade

Não sei o que se deu é um mistério
Acabou-se a nossa liberdade. (BOMBINHO, 2002, p. 323)

Antônio Conselheiro está morto os “conselheiristas” não acreditam, morrer um homem santo, a batalha chega ao fim.

Esperaram os jagunços mais três dias
O Conselheiro tinha a eles prometido
Ressuscitar, vos digo é uma verdade
Para eles era fato acontecido. (BOMBINHO, 2002, p. 327)

Os conselheiristas esperavam com atenção e muita fé, a ressurreição do Bom Jesus.

Uma menina ativa e diligente
Que assistiu enterrar-se o Conselheiro
Diz muita séria: Meus amigos
Ao povo se deve contar sem arroteio. (BOMBINHO, 2002, p. 328)

Após o terceiro dia Antônio Conselheiro não ressuscitou, uma mulher como todas no Arraial, era vista na mesma posição dos homens, fala que o beato não vai ressuscitar e que temos que enterra-lo, pois o beato está morto. O jornal “A Notícia” do dia 09 de Outubro de 1897 na página 2 traz tal notícia:

Antonio Conselheiro era morto deste o dia 22 de mez passado...está sepultado no santuário...e uma menina a última hora diz que ha três dias que esse famigerado reconheu-sê ao seu quarto no santuario hontem incendiado. (A NOTÍCIA, 09 de out. de 1897, p. 2).

E assim termina a celebre batalha de Canudos e “Muitas mulheres e crianças entregaram-se”, muitas são entregues à prostituição, outras degoladas e muitos gritavam: “Viva a Republica victoriosa! Passeia-se em Canudos”. (A Notícia, 09 de out. de 1897, p. 2)

Que o Conselheiro morreu é uma verdade
Portanto a nós só resta é fugir
Já aqui não temos que fazer
E nem podemos com o governo resistir. (BOMBINHO, 2002, p. 228)

Assim termina a saga de Canudos e de todos que estavam à procura de liberdade.

Bravos guerreiros que ergueram faças e foices contra os maus tratos que vinham sofrendo. Este povo esquecido no sertão brasileiro e que encontraram nas palavras do beato, conforto e esperança para lutar contra os impostos cobrados pela República.

Povo sofrido, escravizado, maltratado, que são retirados de suas terras, estes marginalizados, que tem a oportunidade de ter sua história contada. São lutadores que nunca abaixaram sua cabeça para as maldades da sociedade.

2. Uma Breve Análise Socio-Histórica da Guerra de Canudos

Utilizo o livro: *A história Cultural entre práticas e representações* do Roger Chartier, na elaboração deste artigo, comprovando os caminhos que devo seguir para demonstrar como um livro literário pode ser utilizado como documento histórico, ao relatar os fatos de forma contundente e ao colocá-lo frente aos jornais da época, para uma comprovação dos acontecimentos relatados no referido.

Emprego também para um embasamento maior do meu objetivo, o exemplar: *Obras Escolhidas, Magia e técnica, arte e política* do Walter Benjamin. Com ele, evidencio como deve se comportar o narrador, não sendo influenciado por nada a sua volta, demonstrando em seus textos as coisas como elas são, sem acrescentar ou retirar nada que possa dar um sentido diferente ao contexto.

Está é a função da nova história cultural, ao empregar outras Ciências que possam apoiar na formação de uma nova vista sobre o fato, ampliando o campo de visão do historiador, deixando-o a par dos pequenos acontecimentos que influenciaram na construção dos grandes eventos.

A obra base para formação da minha intenção, que é o uso da literatura, como um documento histórico. É o exemplar: *Canudos, História em Verso* do Manuel Pedro das Dores Bombinho, um sergipano, que participou como fornecedor de comida no campo de batalha, e que traz de forma inovadora narrativas sobre cativos que participaram e contribuíram para esta epopeia que foi a batalha de Belo Monte.

Colaborado com os artigos e livros de especialistas, como José Calazans e Marcos Antônio Villa, que dedicaram suas vidas a contribuir para os esclarecimentos sobre este conflito que teve repercussão em todo o território brasileiro, que passava por um período de transformações no cenário político, com a queda do império e o fortalecimento da república, trazendo consequências para as classes mais oprimidas, como o exemplo de pagamento de impostos.

Jornais da época traziam uma perspectiva da classe dominante, que colocava o Antônio Conselheiro como louco, que todos o temiam, com foi divulgado no primeiro periódico “O Rabudo”, pagina 1, publicado no dia 22 de novembro de 1874, na cidade de Estância em Sergipe.

O beato peregrinou pelos estados de Pernambuco, Bahia e Sergipe, onde cativou as pessoas que tinha perdidos suas moradias, por não terem condições de pagar os impostos, e ex-escravos que após a Lei Aurea, libertou-os deixando-os sem condições de sobrevivência, encontram no “Bom Jesus” a esperança de resistir e o seguiram, em uma jornada messiânica. (MACÊDO, 1969, p. 23).

Os jornais colocavam o Antônio das Almas como perigoso, que causava tumultos por onde passava e com ele arrastava multidões, causando pânico pelas cidades ao qual peregrinava. (DIÁRIO DE NOTÍCIA, p. 2. 31 de maio de 1893.). Falava sobre a sua preferência pela monarquia e como era petulante contra as autoridades religiosas, querendo celebrar missas, nas igrejas por onde passava. Os clérigos excomungavam o Antônio dos Mares, falava mal, pois a igreja estava do lado dos poderosos e fazia o que a elite gostava, na defesa de um pensamento conservador e capitalista.

Os jornais tinham uma preocupação em passar para a população medo, nas “noticias alarmantes das últimas façanhas dos “conselheiristas”, demonstram que o diabo é mais feio do que pintaram” (O PAIZ, 2 de fevereiro de 1897). O Arraial de Canudos, foi uma afronta as autoridades ao tenta construir, uma nova Canaã, onde as pessoas se alimentavam do que plantava, vivendo a comunhão. Tudo é de todos e todos viviam em harmonia, tinha igreja e várias casas.

O levante da classe inferiorizada que foi por muito tempo chicoteada e sem direitos a nada, viram nas pregações do Conselheiro, a possibilidade de se levantarem contra os maltratos da classe dominante que queria implanta de forma definitiva a república no Brasil, e que se utilizaram da imprensa para passar uma ideia que o Beato era um demônio e portanto não merecia a devoção, que lhe era atribuída.

A preocupação do historiador, é com os fatos, sem estar de um lado ou de outro, utilizando-se de outras narrativas, como a literatura, que corrobora com as informações sobre os acontecimentos históricos, ajudando a ter uma compreensão diferente, que antes os historiadores não estava atentos, mas que com o auxílio de outras ciências, podemos ter uma compreensão diferente, de um momento da história marginalizada, esquecida dos grandes acontecimentos, e que agora teve a oportunidade de mostrar sua importância na construção da narrativa histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A participação de ex-escravos na guerra de Canudos foi decisiva para os objetivos do Antônio Conselheiro na criação do Arraial do Belo Monte, que não obtiveram êxito na construção de uma nova sociedade pelos “conselheiristas”, mas demonstrou o descaso que o Estado brasileiro tem pelo sertão e pelos afro-brasileiros, jogados a própria sorte.

Após o fim da guerra de Canudos, os sobreviventes foram solicitados a fazer uma escolha, entre a república ou o beato. Muitos escolheram a morte à viver as ordens do novo sistema, enquanto os outros foram levados pelos soldados e direcionados ao Rio de Janeiro a então capital nacional, muitas mulheres acabaram se prostituindo e outros foram jogados ao esquecimento em locais não habitáveis, o que os levou a construir suas casas de taipas nos morros, nas favelas ou em lugares longínquos, distante da “civilização” urbana.

A primeira comunidade a ser erguida foi o Morro da Favela, referência a Canudos “[...] onde ficava o Morro da Favela original, graças a uma planta conhecida como *faveleira*, farta no local” (CARVALHO, 2015).

Estes marginalizados não deixaram o sonho morrer e continuaram lutado contra os pensamentos republicanos, ergueram suas cabeças e lutaram contra o desrespeito dos representantes da elite.

Agora as favelas tomaram proporções não imagináveis, fazendo parte da arquitetura do Rio de Janeiro, sendo conhecidas no mundo todo, pela sua diversidade e pelas condições de insalubridade que pode ser encontrado em algumas favelas.

A literatura de Manuel Pedro das Dores Bombinho, demonstra muito bem a condições da guerra de Canudos vividos pelos cronistas anônimos, os negros, ex-escravos e como uma obra literária pode ser utilizada como acréscimo na abrangência do campo histórico, trazendo uma visão diferente dos jornais que só tinha a contribuir com a república. Bombinho (2002) vem colaborar na análise dos historiadores, sobre os ex-escravos que tiveram uma participação decisiva na guerra de Canudos.

Os conselheiristas, ex-escravos, ainda tratados como excluídos, sem direito a nada, saem da escuridão da marginalidade e encontram seu lugar nas páginas da história, contada por pesquisadores dedicados a não deixarem a sua história morrer.

REFERÊNCIAS

A Notícia. Diário da Tarde, Aracaju, ano II, nº. 266. p. 2. 01 de fev. de 1897.

Disponível em: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju-SE.

A Notícia. Diário da Tarde, Aracaju, ano II, nº. 317. p. 1. 07 de abril de 1897.

Disponível em: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju-SE.

A Notícia. Diário da Tarde, Aracaju, ano II, nº. 469. p. 2. 09 de out. de 1897.

Disponível em: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju-SE.

BENJAMIN, Walter. O narrador. **In: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** Vol. I. 3 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em:

https://monoskop.org/images/3/32/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_1.pdf Acesso em: 19 de jun. 2019.

BOMBINHO, Manuel Pedro das Dores. **Canudos, História em Versos.** Marco Antônio Villa (org.). Imprensa Oficial, EdufscCar. Ed: Hedra. São Paulo, 2002.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 6ª Ed. Editora: Perspectiva. São Paulo. 2007. Disponível em: <http://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-A-economia-das-trocas-simb%C3%B3licas.pdf> Acesso em: 20 de jun. 2019.

BURKE PETER, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008. Disponível em:

<https://www.portalconservador.com/livros/Peter-Burke-O-Que-e-Historia-Cultural.pdf> Acesso em: 20 de jun. 2019.

CARDOSO, Romero. **Pajeú: O Maior Estrategista de Canudos.** Disponível em:

<http://cariricangaco.blogspot.com/2010/07/pajeu-o-maior-estrategista-de-canudos.html> Acesso em: 20 de jun. 2019.

CARVALHO, Janaína. **Conheça a história da 1ª favela do Rio, criada há quase 120 anos.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html> Acesso em: 21 de jun. 2019.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada:** capítulos de História social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** 2ª edição, Ed: Difel, Rio de Janeiro, 2002.

Diário de Notícias, (BA). p. 2. 31 de maio de 1893. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 21 jun. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4562447/mod_resource/content/1/Aula%2004%20-%20Le%20Goff%20-%20Hist%C3%B3ria%20e%20mem%C3%B3ria%20%28Passado-presente%29.pdf Acesso em: 19 jun. 2019.

LOPES FILHO, Antonio Nilson. **Pós-abolição: integração social e trabalhista dos alforriados do município de Redenção.** 2014. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.unilab.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/156/2014_mono_anfilho.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em: 19 jun. 2019.

MACÊDO, Nertan. **Antônio Conselheiro: a morte e vida do beato de Canudos.** Rio de Janeiro: Gráfica Record Ed., 1969.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Abolição no Brasil: a construção da liberdade.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.36. 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/36/art07_36.pdf Acesso em: 21 jun. 2019.

O Paiz, ano XIII, n. 4505. 2 de fev. de 1897. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 21 jun. 2019.

O Rabudo. Estância, ano I, nº. 7. p. 1. 22 de nov. de 1874. Disponível em: Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea. Aracaju-SE. Pacotilha nº 42.

SILVA, José Calasans Brandão. **Cartografia de Canudos.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA. 1997. Disponível em: [http://josecalasans.com/downloads/cartografia_de_canudos_\[1997\].pdf](http://josecalasans.com/downloads/cartografia_de_canudos_[1997].pdf) Acesso em: 21 jun. 2019.